

DA FORMAÇÃO AO EXERCÍCIO DA TUTORIA EM EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE*Juleimar Soares Coelho de Amorim^a*<https://orcid.org/0000-0003-3218-1769>*Fernanda de Freitas Mendonça^b*<https://orcid.org/0000-0002-3532-5070>*Mariana Bertol Leal^c*<https://orcid.org/0000-0002-1453-6100>*Helvo Slomp Júnior^d*<https://orcid.org/0000-0001-5346-0965>*Rossana Staevie Baduy^e*<https://orcid.org/0000-0003-4914-653X>**Resumo**

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência de percurso histórico-metodológico da formação e da tutoria em educação permanente em saúde (EPS). Trata-se da vivência na formação e atuação como tutor, na modalidade de ensino semipresencial, no curso destinado a trabalhadores do Sistema Único de Saúde (SUS). Envolveu seis docentes organizadores, 60 formadores, 600 tutores e 6 mil alunos. Foram 18 meses de curso, mediado por uma plataforma virtual, ao longo dos quais discuti o papel da EPS nos serviços de saúde, rastreei cenários de aprendizado e vivi relatos de experiência da EPS. Inicialmente, houve estranhamento com a proposta metodológica, com o exercício de identificar a partir da prática as bases teóricas do processo de trabalho, a construção coletiva do

^a Fisioterapeuta. Doutor em Saúde Coletiva. Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: juleimar@yahoo.com.br

^b Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Docente Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: fernanda0683@gmail.com

^c Sanitarista. Doutora em Saúde Coletiva. Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: marianabertolleal@gmail.com

^d Médico. Doutor em Saúde Coletiva. Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: helvsj@gmail.com

^e Enfermeira. Doutora em Saúde Coletiva. Docente Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: robaday@gmail.com

Endereço para correspondência: Instituto Federal do Rio de Janeiro. Rua Professor Carlos Wenceslau, n. 143, Realengo. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. CEP: 21715-000. E-mail: juleimar@yahoo.com.br

conhecimento em EPS e com o trabalho cotidiano e a lentidão na utilização da plataforma. A experiência constituiu-se em incentivo para a participação em novas iniciativas de EPS na modalidade de ensino a distância e presencial.

Palavras-chave: Educação em saúde. Educação a distância. Sistema Único de Saúde. Saúde pública. Política de educação superior.

TRAINING THE EXERCISE OF TUTORING IN PERMANENT HEALTH EDUCATION

Abstract

This article aims to report a historical-methodological experience with training and tutoring in permanent health education (PHE), through a blended course for workers of the Brazilian Unified Health System (SUS). Throughout the 18-month course mediated by a virtual platform and comprising six organizers, 60 teachers, 600 tutors, and 6,000 students, I discussed the role of EPS in health services, tracked learning scenarios, and lived experience reports of EPS. Initially, the methodological proposal addressed some strangeness in regard to identifying the theoretical basis of the work process from the practice and the collective construction of knowledge in EPS, as well as in our daily work and struggles in using the platform. In conclusion, the experiment encouraged participation in new EPS initiatives, be it at distance or in person.

Keywords: Health education. Education, distance. Unified Health System. Public health. Higher education policy.

DE LA FORMACIÓN AL EJERCICIO DE TUTORÍA EN LA EDUCACIÓN PERMANENTE EN SALUD

Resumen

Este artículo propone relatar una experiencia de formación histórico-metodológica y de tutoría en educación permanente en salud (EPS). Esta es una experiencia de formación y actuación como tutor en la modalidad semipresencial en el curso para los trabajadores del Sistema Único de Salud (SUS). Participaron seis profesores organizadores, 60 entrenadores, 600 tutores y 6.000 alumnos. La duración del curso fue de 18 meses, mediado por plataforma virtual en el cual se discute el papel de EPS en los servicios de salud, siguiendo escenarios de aprendizaje y relatos de experiencias de EPS. Inicialmente hubo distanciamiento con la propuesta metodológica, con el ejercicio de identificación práctica de la base teórica del proceso de trabajo, la construcción

colectiva del conocimiento en EPS y en el trabajo diario y lento uso de la plataforma. La experiencia consistió en incentivos para la participación en nuevas iniciativas de EPS en la modalidad de enseñanza remota y presencial.

Palabras clave: Educación en salud. Educación a distancia. Sistema Único de Salud. Salud pública. Política de educación superior.

INTRODUÇÃO

Conforme as diretrizes operacionais para a constituição e funcionamento da Educação Permanente em Saúde (EPS) para os trabalhadores para o Sistema Único de Saúde (SUS), o conceito de EPS permeia a ideia de articular as necessidades dos serviços, as possibilidades de desenvolvimento dos profissionais, a capacidade resolutiva dos serviços e a gestão social das políticas públicas de saúde¹. A educação permanente é aprendizado no trabalho, no qual o aprender e o ensinar se incorporam ao cotidiano da organização².

De forma distinta da educação continuada, fundamentada em saberes estruturados e processos formais de educação, promovidos por meio de métodos pedagógicos ou técnicas de trabalho, o aprendizado não se baseia na transmissão de conhecimento para atualização de enfoques de forma fragmentada, o que pode resultar em uma desconexão do saber como solução dos problemas da prática³. Segundo Ceccim⁴, a EPS pode permear a formação profissional e a própria educação continuada, no entanto, é mais potente quando opera junto à educação no serviço, possibilitando mudanças institucionais em dado tempo e lugar, compondo-se como processo produtivo singular ao construir cotidianos enquanto campos de aprendizagem individual, coletiva e institucional.

Frequentemente, nas organizações de saúde, as especializações se associam a processos de capacitação dos profissionais (cursos, treinamentos, aperfeiçoamentos, atualizações), construindo uma linha de reprodução do papel das áreas técnicas e dos níveis centrais ao governar princípios e diretrizes para as políticas em cada um dos núcleos específicos de acumulação em saúde⁵. A partir daí, em lugar de se estabelecer apoio solidário aos serviços que se desdobram em atos políticos, por vezes desfiam-se cursos e treinamentos pontuais.

O Ministério da Saúde (MS), por sua vez, instituiu a política de EPS como estratégia de transformação das práticas de saúde e de formação dos profissionais⁶. Para tanto, inicialmente houve a criação dos polos de EPS como instâncias locais regionais. O segundo momento se referiu à formação de tutores e facilitadores de EPS em todo o país⁵. Logo, seus

produtos foram recolhidos, a exemplo de como esses atores lidaram com a responsabilidade de produzir mudanças no processo de trabalho⁷.

O presente estudo inscreve-se em uma etapa posterior dessa genealogia, chamada Educação Permanente em Saúde em Movimento (EPSM), de cuja primeira turma de tutores-alunos os autores participaram, mediados pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em parceria estabelecida como o MS e a Rede Governo Colaborativo em saúde.

Há uma demanda historicamente reprimida por educação permanente na área do sistema público de saúde que se compara à imperiosa educação continuada. O desejo de um contingente expressivo de profissionais de incorporar o aprendizado no ambiente de trabalho torna necessários avanços e garantias na implementação das diretrizes da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde^{5,8}. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou relatar uma experiência de percurso histórico-metodológico da formação e da tutoria em EPS do curso de Formação Integral Multiprofissional EPSM. A partir de uma experiência singular, busca-se discutir os desafios e os avanços da construção coletiva do curso, as ferramentas pedagógicas, bem como algumas limitações relacionadas ao projeto em si, aos participantes e aos modelos de educação na saúde no mundo do trabalho.

MÉTODOS

O percurso histórico-metodológico decorreu a partir do amplo processo de formação em EPS, realizado nas 435 regiões de saúde do país, mediante a especialização de atores sociais do trabalho em saúde, especialmente tutores, formadores e trabalhadores. Desde o primeiro desses encontros, adoto uma posição autorreflexiva de minha experiência.

A programação do curso de especialização EPSM teve início em maio de 2014, com oferta inicial para 6 mil trabalhadores, abrangendo todo território nacional. Os tutores e especializandos foram selecionados por meio de seleção pública realizada pelo MS. O curso contou com a participação de seis docentes organizadores e cerca de 60 formadores para 600 futuros tutores, todos profissionais do SUS. Esse momento foi o primeiro passo para alinhar conceitos, perspectivas e a organização estrutural e pedagógica da formação. No ensejo, procedi ao trabalho loco-regional singular entre tutores e os formadores, até dezembro de 2014, com encontros presenciais e virtuais.

Em sequência ao período especialmente dedicado à aproximação da EPS (denominado de formação) e qualificado como tutor, contribuí para a especialização de dez trabalhadores. Em minha turma, foram selecionados servidores do pronto-atendimento, urgência e emergência, especialidades, atenção básica, instituições de ensino e profissionais

que atuam no gerenciamento dos serviços de saúde em nível central. O exercício da tutoria foi realizado no mesmo formato (semipresencial), com momentos de aprendizagem presencial trimestrais e apoio de um ambiente virtual de aprendizagem (AVA). A interação com os alunos deu-se: por momentos de concentração, com interação direta e presencial, totalizando quatro encontros presenciais ao longo dos 12 meses do curso; por momentos de dispersão no ambiente de trabalho; e mediada pelo AVA, utilizando-se a plataforma Otics (Observatório de Tecnologia em Informação e Comunicação em Sistemas e Serviços de Saúde).

A interação a distância no curso não foi apenas complementar, mas compôs as atividades e a carga horária previstas, bem como a avaliação do especializando e do tutor. Uma vez que nós, trabalhadores do SUS, somos compreendidos como sujeitos em ato do nosso processo de aprendizagem⁹, a opção pedagógica foi baseada na postura proativa de cada educando de incorporar o aprendizado ao trabalho e articular prática e teoria¹⁰, nessa ordem. A lógica norteadora do processo ensino-aprendizagem fundamentou-se nos princípios da aprendizagem significativa, da problematização, das pedagogias histórico-construtivistas e do referencial da EPS.

FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS

Inicialmente, a estratégia foi realizar um primeiro encontro de forma presencial, em um ambiente acadêmico (espaço da sala de aula), para evitar quaisquer problemas na interação com a plataforma. O grupo se reuniu para iniciar as atividades a serem desenvolvidas ao longo dos meses seguintes. Nesse primeiro momento, havia especializando mais experientes, outros mais teóricos, bem como alguns que ainda estavam se descobrindo naquele espaço. A construção dos encontros e as discussões foram sempre coletivas, de forma que cada participante foi protagonista na definição de eixos temáticos, centralizados em torno da EPS vivida no cotidiano.

Os temas norteadores dos encontros presenciais abrangeram: (1) produção do cuidado em saúde; (2) narrativas do trabalho; (3) estratégias de rastreamento de EPS no ambiente de trabalho; (4) papel da educação na saúde; e (5) ampliação do olhar sobre o processo de trabalho em saúde. Nos encontros entre tutores-formadores e tutores-tutores, discutimos: (1) organização das turmas de especializando e tutores; (2) Desafios na condução na modalidade EAD do curso de EPS; e (3) o estabelecimento de redes de apoio em EPS. Todas as proposições se tornaram subsídios para debate nesse espaço aberto.

Tutor e aluno eram convidados a desenvolverem narrativas para os encontros presenciais de acordo com as temáticas propostas, estimulados a contemplar cenas do cotidiano

em que experimentaram EPS em si e/ou em sua equipe de trabalho, conforme orientação política de reconhecimento e cooperação para construir encontros na rotina das práticas de saúde¹¹. Na ocasião, lemos e discutimos todas as narrativas como estratégia para possibilitar novos olhares sobre os problemas do dia a dia e possibilidades de mudança no contexto inserido, dando visibilidade a conceitos-ferramenta.

A plataforma Otics foi a grande articuladora entre alunos e tutor, tutor-tutor e tutor-formador no curso EPSM. Foi uma ferramenta essencial para compartilhar experiências de EPS (no formato de narrativas), afecções relacionadas a essas vivências e troca de saberes entre os diferentes atores. Através das formas de comunicação síncrona e assíncrona, a plataforma promoveu interação e mediação, que trouxeram em seu bojo a concepção pedagógica norteando a aprendizagem no curso¹². Privilegiando a interação, a interatividade e a aprendizagem colaborativa, e levando em consideração todo o processo de aprendizagem, a construção se deu em sintonia com o desenvolvimento da prática de trabalho do especializando⁹.

Foram propostas diferentes “Ofertas” que subsidiaram a experimentação do tutor, do aluno e do formador, incluindo textos científicos, vídeos, imagens, fotografias, relatos de experiência e textos disparadores para reflexão sobre a EPS. Através das “Entradas” na plataforma de aprendizagem, se acessa os conteúdos teóricos, documentos formativos e textos de problematização. Há também um material didático disponível previamente ao início do curso, ofertado pela equipe gestora, com situações-problema comuns aos trabalhadores do SUS e que encorajava novas produções no grupo de discussão.

Um dispositivo pedagógico se mostrou potente: trata-se de um espaço para escrever sobre si e sobre o mundo do trabalho, denominado “Diário Cartográfico”¹³. Sucede também para o tutor conversar com o aluno e o formador com o tutor, por meio desse instrumento que, por sua vez, retroalimenta outras ferramentas, como a “Caixa de Afecções”.

Com essa ferramenta, propôs-se um espaço de arquivo para os objetos relacionais, cujas funcionalidades foram: (1) favorecer uma apropriação sobre a própria produção, a partir do lugar de pertença, em seus mais variados aspectos e sutilezas; (2) interrogar as experiências, abrindo outras conexões para o vivido, favorecendo a produção de deslocamentos e dando passagem aos afetos; (3) transver o vivido, recontextualizando a experiência; (4) colocar em funcionamento ludicamente ideias/pensamentos sobre o vivido; (5) convocar à recriação coletiva dos saberes da experiência. Importantes experiências foram depositadas, vasculhadas, embaralhadas e fisgadas pelos participantes na caixa de afecção dos tutores-formadores e tutores-alunos. A caixa de afecções foi um importante interlocutor entre os diferentes atores do cenário da EPS, em alguns momentos mais acessado que o Diário Cartográfico ou o Fórum.

A plataforma também possui um “Varal”, que apresenta grande diversidade de cenas, músicas, vídeos e convites à ação-experimentação¹⁴. As cenas auxiliam a reflexão e o debate sobre situações vivenciadas no cotidiano dos serviços e do sistema de saúde, servindo também como dispositivo para aprendizagem. As encenações foram narradas a partir de temas que envolveram a gestão, o processo de trabalho, a educação permanente em saúde e outros, a partir de histórias que fazem um convite à reflexão e ao diálogo por meio de questões problematizadoras.

Os “Fóruns” foram mecanismos usados para promover as interações entre colegas de turma, estampar a diversidade de opiniões frente às informações e vivências do cotidiano, além de fomentar a reflexão e o debate. Assim, os conhecimentos foram construídos e reconstruídos numa ação proativa dos participantes do grupo, com abertura de espaços para questionamento e oferecendo, em vez de certezas, oportunidades para o exercício da dúvida e do diálogo produtivo.

Além das cenas já organizadas na plataforma, os próprios participantes (formador, tutor e aluno) foram estimulados a compartilhar as suas. Os panoramas do cotidiano foram escolhidos e postados, evocando reflexões, por exemplo, sobre: (1) a EPS na prática; (2) o desafio da implementação da EPS; (3) a gestão do serviço e a prática de EPS; (4) conceitos, metodologias e instrumentos de EPS no trabalho; (5) a EPS e outros modos de aprender; (6) a construção coletiva do trabalho e do saber; (7) as redes de cuidado em saúde, entre outros. Certamente, essas vivências obtiveram maior atenção dos participantes, uma vez que envolviam problemas reais, desafios cotidianos, afecções concretas e não somente problematização. Dessa maneira, os participantes se fortaleciam em cooperação e compreensão mútua sobre o próprio fazer e aprender.

O “Trabalho de Conclusão de Curso” consistiu em uma produção escrita individual, contemplando reflexões sobre experiências de EPS vivenciadas pelo aluno (momento da especialização) e tutor (momento da formação). Os autores elaboraram escritas reflexivas a partir do conteúdo do diário cartográfico, a “Caixa de afecções”.

Os tutores, no momento de formação, eram avaliados quanto à frequência e uso interativo do ambiente virtual, realização de atividades apresentadas pelo formador, estabelecimento de interações propositivas e cooperativas (feedbacks) e quanto ao domínio no uso das ferramentas interativas utilizadas. Ao mesmo tempo, avaliavam os especializandos em relação ao acesso ao ambiente virtual de aprendizado, à participação regular e significativa na plataforma, frequência nos encontros presenciais, expressão e produção sobre o reconhecimento de processos de EPS no cotidiano do trabalho, reflexos de movimentos de coadjuvação em processos e vivências de EPS em si e no outro durante o percurso formativo. As avaliações carregavam caráter mais formativo que somativo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Da prática à teoria, a experiência tem nos ensinado que a EPS é uma aposta para se caminhar entre a metodologia científica oficial, de um lado, e a produção do conhecimento a partir do mundo do trabalho, de outro, mas sempre priorizando este último. Mehry¹¹ refere que a EPS, ao mesmo tempo que disputa pela atualização cotidiana das práticas segundo os mais recentes aportes teóricos, metodológicos, científicos e tecnológicos disponíveis, insere-se em uma necessária construção de relações e processos que vão do interior das equipes de atuação conjunta às práticas organizacionais e interinstitucionais e/ou intersetoriais. Nesse sentido, o período de formação dos tutores foi importante para a apreensão da temática, compreensão dos contextos e para despertar “radares” para a EPS nos cenários do trabalho, conforme a inserção dos trabalhadores do SUS.

Deparamo-nos com estranhamento da temática ao compreendê-la como percurso do trabalho. Esse estranhamento decorre do modelo hegemônico de educação em saúde, fundado na hierarquização entre professor e aluno, dicotomia entre prática e teoria e dificuldade de construção coletiva dos diferentes saberes. O ponto de partida da aprendizagem desse curso foi a realidade concreta, com seus determinantes e condicionantes históricos, sociais, culturais, políticos e ideológicos, em especial as forças políticas e relacionais que a delinham, e não um exercício de abstração. A realidade para os tutores foi o exercício da própria tutoria. A formação aproveitou, organizou e potencializou movimentos de prática. Mesmo na qualidade de tutor, o exercício da profissão não cessou, a produção do cuidado e do ensino para o SUS permaneceu como base para colocar o próprio cotidiano no centro do processo de ensino-aprendizagem. Em via dupla, o método utilizado possibilitou olhar para minha própria prática do trabalho, problematizando-a por meio de atividades de ação-reflexão-ação¹⁵.

A repelência ao modo de aprendizado pode ser identificada ao analisar os temas que nortearam os encontros já citados. Observa-se a preocupação dos integrantes em compreender a abordagem para conduzir a formação de aprendizes, em vez de vivenciar o aprendizado construído a partir das próprias experiências. Esse percurso é natural quando, aparentemente, o sentido de aprendizado tende a ser da teoria para a prática, da sala de aula para o mundo do trabalho, da leitura científica para a execução do trabalho.

De certo modo, o “modelo escolar” é soberano nas capacitações³, entretanto, nesse período, os tutores foram desafiados a praticar a lógica inversa, ou ambas, o tempo todo. Enquanto facilitadores, exercemos função reciprocamente produtiva – ora dedicávamos a desenvolver a EPS no mundo singular do trabalho, ora experimentava a tutoria com dez trabalhadores da saúde. O maior desafio foi sempre o de buscar na prática a fundamentação

para elaboração de novos aprendizados teóricos, e ao mesmo tempo conduzir um grupo de especializandos por essa mesma lógica.

A teorização, o diálogo, a troca, a busca e a produção de saberes almejam a elevação da capacidade de análise crítica sobre a veracidade e a construção de entendimentos, soluções, relações e possibilidades de intervenção nessa realidade, visando uma ação social transformadora¹⁵. Dobras de movimentos paralelos e contínuos (presencial e virtual, individual e coletivo) formaram a base para o exercício da tutoria, quando a maior parte da carga horária e a distância se tornaram desafios para ativar mudanças nos locais de trabalho e inserir os alunos em sua locorregião. Os debates sobre as relações de trabalho oportunizadas pelo curso em si expressam uma conquista, uma vez que tais discussões são escassas nos ambientes profissionais.

Enquanto tutor, foi imperioso o estabelecimento de um diálogo customizado com os participantes, além de conhecer as diferentes práticas e inserções profissionais do trabalho discorrido na plataforma, auxiliando-os no processo de construção do conhecimento a partir das próprias práticas (conjunto de experiências e vivências) e identificando fendas para a ativação de movimentos de vicissitudes. Ao mesmo tempo, o duelo também foi permeado pelo desenvolvimento da grupalidade, da coesão, a partir de elementos para uma cartografia conjunta¹⁶. Desenvolvemos assim o eixo da coletividade, que favoreceu a construção de saberes a partir das trocas de experiência e das reflexões com apoio do material teórico do curso^{13,16}. Exemplo disso foi a discussão dos temas “Produção de Cuidado em Saúde” e “Institucionalização da EPS”.

Os movimentos simultâneos e complementares de afastamento e aproximação, de foco no individual e no coletivo, da prática para a teoria, dos encontros reais e virtuais foram de grande incitação para o exercício da tutoria. Foi necessário lançar mão de um conjunto de conhecimentos (rigor conceitual), saberes e experiências acumulados na trajetória profissional (docente ou técnica); resgatar os próprios conceitos de educação, de trabalho em saúde (enquanto aprendizado), de saúde, de produção do cuidado e de integralidade para rastrear momentos de EPS em nossos cenários de trabalho.

Foram frequentes as queixas dos especializandos e tutores (no período de formação) sobre o projeto pedagógico não ser propositivo nas atividades rotineiras teóricas, no modo pergunta e resposta, leitura de textos ou produção de trabalhos acadêmicos. Os espaços criados na plataforma estiveram abertos e coletivos, gerando uma sensação de vazio. No entanto, exigiram dos formadores, tutores e alunos ativações para torná-los atrativos e significativos para as experiências. Justamente nesse âmbito, a EPS busca produzir, pedagogicamente, certo desconforto com o que se sabe, um incômodo ante a necessidade de saber para agir.

Esse processo de aprendizagem pretende mobilizar e desafiar os alunos em direção à busca e à abertura para o novo e para a ação¹⁷.

A liberdade proposta no projeto pedagógico e vivenciada na plataforma encontrou inicialmente até mesmo uma desmotivação por parte dos participantes. Aos tutores, outro desafio estabelecido foi o de rompimento com a “educação bancária”, mediante distintas estratégias pedagógicas elencadas para uma harmonia entre o que se pratica e o que se ensina. Tradicionalmente, os cursos de capacitação são centrados no “modelo escolar” de ensino-aprendizagem, em que primeiramente são transmitidos os comportamentos corretos, a rotina de trabalho e a contingência científica sobre determinado tema^{18,19}. Depois de estabelecidos os protocolos, prevê-se a aplicação prática do conteúdo teórico aprendido. Culturalmente, estamos habituados a aprender em sala de aula, em laboratórios de prática, em auditórios, sempre com alguém falando ou demonstrando e outro ouvindo e anotando^{18,19}. Entretanto, a estratégia pedagógica adotada na iniciativa desse curso foi exatamente contrária, o que vai de encontro com a proposta da Política Nacional de EPS¹.

O encontro presencial, por tradição, tem maior aceitabilidade e melhores aportes discursivos, pois há diálogo síncrono, além de aproximar todos os envolvidos. Cada momento presencial foi iniciado com uma questão, a um só tempo de aprendizagem e de ação, que mediou o diálogo entre o tutor e o grupo de especializandos, de forma a proporcionar novas reflexões e aprendizado. Reunidos em rodas, foi possível se relacionar com o outro, sentir o outro e ajudar mutuamente no refletir e no lidar com as potencialidades e limitações do grupo. Os principais temas foram a institucionalização da EPS, a educação continuada versus a educação permanente, as metodologias de ensino e aprendizagem, as dificuldades do serviço (prática) em atender as necessidades da academia (a universidade-teoria), enfim, o reconhecimento da EPS no dia a dia do trabalho.

Os encontros presenciais ofertados na EPS valorizaram o “ambiente escolar de aprendizagem” para agregar as pessoas em torno da discussão de uma temática, estabelecer pactuações para o desenvolvimento do curso e avaliar os recursos da plataforma virtual e os próprios participantes. Ao final de cada encontro presencial, o curso, a turma e os tutores eram colocados à prova. Realizamos avaliações formativas desses eixos que estruturavam o aprendizado coletivo. Os encontros foram importantes para fomentar o desejo de criar movimentos de EPS no ambiente de trabalho.

Segundo Foucault²⁰, é necessário anotar e escrever as ações e os movimentos do cotidiano, como se a escrita fosse um operador da transformação da verdade em ato, uma matéria-prima para a redação de tratados sistemáticos, nos quais são fornecidos argumentos e

meios para se lutar contra este ou aquele defeito ou ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil. A caixa de afecções, por exemplo, foi uma ferramenta do curso à distância que convidou os participantes à narratividade, à escrita de si, ao compartilhamento de saberes, de práticas, de questionamentos, de desafios, de proposições. Por meio do diário cartográfico, a escrita se transformou no próprio escritor, num princípio racional-efetivo de ação. Foi o momento em que descrevi e li reflexivamente cenas do cotidiano do trabalho e formalizei, em princípio, as ações e os aprendizados. As indagações, a tomada de decisão, a construção do trabalho coletivo, os registros dos encontros presenciais e as sínteses dos textos lidos foram postados no diário com a possibilidade de construir o percurso durante o desenvolvimento do curso, material que serviu de base para este artigo.

A plataforma Otics foi um espaço mediador entre todos os participantes para exposição das experiências do cotidiano. Por excelência, possibilitou a navegação nas diversas ferramentas pedagógicas, como o varal de cenas, ofertas, entradas, caixa de afecções, diário cartográfico, fórum e chat. Percebi que o ambiente promoveu uma potente ligação em meio à flexibilização da aprendizagem. Conforme Gouvêa e Oliveira¹⁷, é preciso haver autonomia dos alunos em relação à organização do tempo de estudo, emprego dos recursos, espaços e participação. Tanto a flexibilização das aprendizagens como a autonomia do estudante fazem com que esse sujeito se mova pelo “entre” das pactuações coletivas marcadas nos encontros presenciais.

A plataforma era simples de manusear, mas pouco facilitava a interatividade, mesmo com apoio de equipe técnica. Não foi possível estabelecer uma rede de conversação síncrona entre os tutores-tutores, tutores-formadores e tutores-alunos, pois cada participante acessava em um momento distinto e houve lentidão na velocidade de processamento dos dados. Essa dificuldade desmotivou o grupo e repercutiu, por algum período, em poucos acessos. Para que atitudes de interesse e motivação fossem despertadas nos sujeitos, foi preciso que se identificassem com o objeto de conhecimento. Por um instante, tomei como responsabilidade realizar esse processo de motivação como exclusivo do tutor, porém, exercitei permitir a capacidade crítica e reflexiva dos especializandos. Para isso, contei com os momentos presenciais intercalados e, para não perder a essência do curso, foi necessário despertar os especializando por meio de outras ferramentas tecnológicas, como redes sociais e aplicativos de telefone celular, a fim de estabelecer a conversação on-line.

Identifiquei limitações relacionadas à modalidade EAD e ao uso do computador, como no manuseio da tecnologia disponibilizada, o que resultou em mais tempo despendido para aprender a utilizá-la do que propriamente para encaminhar o processo de EPS. Consequentemente, isso foi alvo de queixas nas avaliações de alunos e tutores. A lentidão na

velocidade de processamento e as mudanças que ocorreram na organização e estruturação da plataforma durante o percurso fizeram com que nós (tutores e os alunos) compartilhássemos menos as experiências e frequentássemos menos o ambiente virtual, e, assim, o partilhar das experiências e o interagir em grupo foram comprometidos. Grande parte dos cursos estruturados para essa modalidade reproduz a pedagogia tradicional, não alcançam essas dificuldades dos alunos ou até mesmo selecionam somente candidatos que tenham habilidade em manusear essas tecnologias.

Quantos aos materiais disponibilizados na plataforma, foram de suma importância, mas foram as lacunas que naturalmente surgiram do conteúdo que serviram para o desenvolvimento do trabalho da turma, pois foram as experiências do dia a dia, muito mais que o material, que propiciaram a troca de saberes. Conforme Paim²¹, os especializandos trabalhadores do SUS não são apenas sujeitos curiosos participantes de um curso *lato sensu* e interessados em aprender mais sobre um tema de interesse; são trabalhadores da gestão. São sujeitos implicados com a resolução dos problemas concretos e com a produção das ações necessárias para o desenvolvimento da saúde pública em seu lugar de inserção social e técnico-política. É esse o desafio que motiva, para além do curso, a buscar e produzir saberes e fazeres que melhor operem o cotidiano da produção de saúde.

Ao reconhecermos as necessidades e o poder criativo de cada um, inicialmente cheios de valores e de significados, os quais, muitas vezes, se perdem pelo caminho, podemos vencer o desafio de romper com a lógica da pura e simples compra de produtos pré-formatados de treinamento técnico. A proposta da EPSM foi mudar as estratégias de atenção construídas na prática das equipes, voltando-se para a organização dos serviços, e não somente a partir das necessidades individuais de atualização, que são infinitas.

Analisando os trabalhos dos especializandos, percebi que foi um momento de demonstração sobre as aquisições durante todo o percurso. Interpretei como um momento em que os educandos mostraram aos demais colegas os novos desafios da EPS no cenário de prática do SUS, estando aptos a contribuir para a próprio cotidiano e da equipe. Os trabalhos suscitaram o emprego de todos os saberes assimilados ao longo da imersão no curso. Os temas que se destacaram foram: (1) rastreamento da EPS no cenário de trabalho; (2) narrativa de percurso e vivência de EPS; e (3) proposta de projeto de educação em saúde. Podemos considerar que os assuntos abordados têm viés de condução do grupo, dado que estão conectados às proposições elencadas logo no início da formação. Por outro aspecto, talvez sejam realmente demandas da política da EPS. Contudo, são necessárias outras produções científicas que relatem experiências de formação em EPS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso EPSM permitiu o desenvolvimento do aprendizado no próprio cenário de prática: o exercício da tutoria. Concluímos que essa experiência foi exitosa, desafiadora e duplamente produtiva, constituindo-se em incentivo à participação em outras iniciativas de EPS, na modalidade de ensino semipresencial. Destaco a importância do primeiro encontro presencial para a constituição do vínculo e da grupalidade. Os encontros em espaço acadêmico, intercalados aos mediados pela plataforma virtual e interações informais em redes sociais, merecem destaque em relação à coesão e à harmonia no compartilhamento das vivências. O exercício da narrativa sobre o cenário de trabalho auxiliou os participantes a construir uma nova prática pedagógica. Os fóruns e a abertura da caixa de afecções otimizaram a aproximação de cada um dos alunos, dialogando com as necessidades, experiências isoladas e a ativação de movimentos que favoreceram a construção coletiva de saberes. É necessário considerar as habilidades de manusear as tecnologias da informática, assim como divulgar as experiências de formação em EPS.

COLABORADORES

1. Concepção do projeto, análise e interpretação dos dados: Juleimar Soares Coelho de Amorim, Fernanda de Freitas Mendonça, Helvo Slomp Júnior e Rossana Staevie Baduy.
2. Redação do artigo e revisão crítica relevante do conteúdo intelectual: Juleimar Soares Coelho de Amorim, Helvo Slomp Júnior e Mariana Bertol Leal.
3. Revisão e/ou aprovação final da versão a ser publicada: Juleimar Soares Coelho de Amorim e Rossana Staevie Baduy.
4. Ser responsável por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra: Juleimar Soares Coelho de Amorim e Helvo Slomp Júnior.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política Nacional de Educação Permanente em Saúde. Brasília (DF); 2009. (Série B. Textos Básicos de Saúde).
2. EPS em Movimento. Educação e trabalho em saúde: a importância do saber da experiência [Internet]. 2014 [citado em 2015 ago 8]. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1631264/educa%C3%A7%C3%A3o-e-trabalho-em-sa%C3%BAde---eps>

3. Pinheiro R, Ceccim RB, Mattos RA, organizadores. Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro (RJ): IMS/UERJ; 2005.
4. Ceccim RB. Educação Permanente em Saúde: desafio ambicioso e necessário. *Interface*. 2005;9(16):16177.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Política de Educação e Desenvolvimento para o SUS – caminhos para a Educação Permanente em Saúde. Brasília (DF); 2004. (Série C, Projetos, Programas e Relatórios).
6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde. 2a ed. Brasília (DF); 2012.
7. Mendonça FF. Formação de facilitadores de educação permanente em saúde: percepções de tutores e facilitadores [dissertação]. Londrina (PR): Universidade Estadual de Londrina; 2008.
8. Merhy EE, Feuerwerker LCM, Ceccim RB. Educación Permanente em Salud: uma Estrategia para Intervir em la Micropolítica del Trabajo em Salud. *Salud Coletiva*. 2006;2(2):14760.
9. Oliveira MAN. Educação à Distância como estratégia para a educação permanente em saúde: possibilidades e desafios. *Rev Bras Enferm*. 2007;60(5):5859.
10. EPS em Movimento. A EPS, aprendizagem flutuante e um convite para pensar, sentir e se expressar [Internet]. 2014 [citado em 2015 jan 14].
11. Merhy EE. Educação Permanente em Movimento – uma política de reconhecimento e cooperação, construindo encontros no cotidiano das práticas de saúde. 2013 [citado em 2016 jan 14].
12. Merhy EE, Feuerwerker LCM. Novo olhar sobre as tecnologias de saúde: uma necessidade contemporânea. In: Mandarino ACS, Gomberg E, organizadores. *Leituras de Novas Tecnologias e Saúde*. São Cristóvão (SE): Editora UFS; 2009. p. 2956.
13. EPS em Movimento. O Diário Cartográfico [Internet]. 2014 [citado em 2015 dez 15].
14. Merhy EE, Feuerwerker LCM. Educação Permanente em Saúde: educação, saúde, gestão e produção do cuidado. In: Mandarino ACS, Gomberg E, organizadores. *Informar e Educar em Saúde: análises e experiências*. Salvador (BA): EDUFBA; 2011. p. 5-21.

15. EPS em movimento. Uma possibilidade de fazer diferente [Internet]. 2014 [citado em 2015 dez 12].
16. Pelbart PP. Elementos para uma cartografia da grupalidade [Internet]. 2014 [citado em 2016 jan 14]. Disponível em: http://desarquivo.org/sites/default/files/pelbart_peter_elementos.pdf
17. Gouvêa G, Oliveira CI. Educação a Distância na formação de professores: viabilidades, potencialidades e limites. 4a ed. Rio de Janeiro (RJ): Vieira e Lent; 2006.
18. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo (SP): Paz e Terra; 1996.
19. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2a ed. São Paulo (SP): Cortez; 2000.
20. Foucault M. A escrita de si. In: Foucault M. O que é um autor?. Lisboa: Passagens; 1992. p. 12960.
21. Paim MC, Alves VS, Ramos AS. Projeto EAD SUS/BA: incorporação do ensino a distância aos processos de educação permanente para profissionais do sistema único de saúde do Estado da Bahia. Rev Baiana Saúde Pública. 2009;33(1):10412.

Recebido: 27.2.2018. Aprovado: 19.4.2021.

